

Energia e ambiente

Como conciliá-los no processo de sustentabilidade?

O Homem ao longo da sua existência na Terra tem mantido uma relação intrínseca com os recursos naturais, utilizando-os e modelando-os aos seus interesses e à satisfação das suas necessidades, num processo dinâmico e nem sempre harmonioso.

O “sucesso” da nossa civilização tem estado associado à capacidade que o Homem tem demonstrado em descobrir e utilizar os recursos que a Natureza coloca à sua disposição.

Esta relação Homem-Natureza é bem visível nas paisagens que fomos construindo, nos modelos de organização social e cultural estabelecidos, e nas dinâmicas produtivas incrementadas.

O impacte da actividade humana tem crescido de modo exponencial, numa relação directamente proporcional com o aumento populacional e o domínio de novas e mais poderosas tecnologias e, desta evolução, têm resultado problemas graves para o ambiente:

População mundial – quadruplicou no último século (em 2000, a população mundial era de 6100 milhões de habitantes, contra os 1600 milhões do início do século);

Desertificação e solos degradados – associados a fenómenos de inundações, secas, erosão, salinização, desertificação e pressão populacional são os principais

adversários de 815 milhões de pessoas mal nutridas no mundo;

Água – apesar de ser um recurso fundamental, mais de mil milhões de pessoas ainda não têm acesso a água potável neste início de século e a contaminação de rios e aquíferos, a seca, o excesso de consumo e as chuvas ácidas agravam ainda mais as expectativas;

Destruição da biodiversidade – o planeta perdeu 2,4% das florestas entre 1990 e 2001 e estima-se que todos os anos o Homem destrói 0,2% das espécies do planeta;

Aquecimento global e alterações climáticas – a poluição atmosférica e emissão de gases responsáveis pelo “efeito de estufa” e pela destruição da camada de ozono estão a provocar o aumento da temperatura média da terra, e a provocar alterações drásticas no clima. Os EUA produzem 25% destas emissões, sendo responsáveis por 36% das emissões de CO₂, quando a Europa emite 24,2%.

Nesta dinâmica, o domínio de fontes de energia tem um papel crucial e o seu impacte é assustador na sua relação com a

exploração dos recursos naturais e com os problemas ambientais, nomeadamente na sua ligação com o efeito de estufa e alterações climáticas, e destruição de biodiversidade.

A dependência exagerada relativamente aos combustíveis fósseis leva-nos a ter de considerar outras energias alternativas, com menores impactes e, sobretudo, com garantias de sustentabilidade, nomeadamente a hidroeléctrica, a eólica ou a solar... A União Europeia assume como meta, até 2010, a produção de 39% da energia a partir de fontes renováveis.

Esta predisposição poderia levar-nos a pensar que estão resolvidos os problemas, no entanto, outros se colocam ao nível dos seus reais impactes! A utilização das fontes renováveis também produz impactes negativos na paisagem, nos habitats, na biodiversidade e nos ciclos naturais.

A dimensão dos impactes ambientais varia em função do tipo de estruturas, sendo estes mais notórios na paisagem. No entanto, também são relevantes – e por is-



Alqueva



Alqueva



Parque eólico



Termoelétrica

so mesmo a ter em conta – quer no que representam em termos de perdas e alterações de habitats, e consequentes implicações na diversidade biológica, quer na alteração dos ciclos de factores ambientais, como a água ou o solo.

As próprias comunidades humanas são também afectadas, na sua estrutura económica e social, ao serem criadas novas dinâmicas nas fases de construção e também de exploração das novas estruturas energéticas.

Por outro lado, as novas estruturas permitem, em certas situações, oportunidades de criação de novas obras de arte que a nossa cultura certamente integrará enquanto

Património Cultural, como aconteceu com estruturas similares no passado. Novas valências, para além da energética, se associam a estas estruturas, nomeadamente na perspectiva turística.

Que fazer perante um cenário de tão fortes contradições?

Não sendo simples uma resposta, há que encontrá-la sustentada em argumentos técnicos e científicos que, para cada caso, estabeleçam e definam uma séria avaliação dos prejuízos e das vantagens para o ambiente e para a sustentabilidade, ou seja, sujeitar as intenções a Avaliação de Impacte Ambiental.

Será em sede deste instrumento, fundamental para a política pública de ambiente, que se devem decidir as melhores opções para a conservação dos recursos e para a sustentabilidade da nossa qualidade de vida. Esta decisão deve sempre ter em conta a opinião dos cidadãos num processo aberto e dinâmico de Participação Pública num exercício de Democracia Ambiental. Afinal o que está em causa é o nosso futuro, e este merece o nosso respeito!!!

JOSÉ MANUEL ALHO,
Presidente da Direcção Nacional da LPN
(Liga para a Protecção da Natureza)